

## AS ESTÉTICAS BARROCA E ARCÁDICA E SUAS RELAÇÕES COM O ROMANTISMO

### META

Apresentar o Barroco e o Arcadismo brasileiros, destacando seus respectivos representantes e suas características principais, relacionando-as ao Romantismo.

### OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:  
definir as estéticas que antecederam o Romantismo;  
realizar leitura e análise crítica de textos de autores pertencentes ao Barroco e ao Arcadismo brasileiros;  
reconhecer, em obras literárias, elementos pertencentes a essas estéticas que dialogam com o Romantismo.

### PRÉ-REQUISITOS

Leitura prévia de alguns textos entendidos como "literatura de informação", discutidos na lição anterior.



Pintura de François Boucher, Pastoral de Outono, 1749. Representação do pastoralismo (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

## INTRODUÇÃO



*Caminho para o Calvário* - obra de Aleijadinho (Fonte: <http://usuarios.lycos.es>).

Oi, muito curioso para saber sobre o Barroco e o Arcadismo? Muito bem! Começaremos nossa aula definindo cada um deles, e o que representaram para a literatura brasileira; depois, seguiremos mostrando aspectos pertinentes a ambos e como dialogam com a estética romântica. Consideremos, então, os estudos de Afrânio Coutinho em *Introdução à Literatura no Brasil* (1986), que deixa de lado a designação de literatura colonial para tudo o que se produziu no Brasil durante o Período que engloba três séculos, e não estabelecia distinção entre, por exemplo, a produção de Anchieta e a de Gregório de Matos daquela posterior composta pela conhecida Escola de Minas, e afirma que a crítica literária de cunho estético reconhece como sendo barroca a produção literária do Brasil-Colônia. Para este autor a produção dos autores desse período não era menos brasileira do que a que veio no período posterior à Independência política, e, buscando comprovar sua tese, chama atenção para aquilo que se produziu tanto no Barroco quanto no Arcadismo, capaz de caracterizar o ‘nacionalismo’ brasileiro desde os primórdios coloniais e de se infiltrar pelo Romantismo adentro.

## A LITERATURA PRODUZIDA NOS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS DA VIDA COLONIAL



A hora da leitura (Fonte: <http://cyberteca.files.wordpress.com>).

Afrânio Coutinho (2008) postula que o historiador português Fidelino de Figueiredo entende as primeiras manifestações literárias da colônia brasileira como pertencentes ao conjunto de obras que compunha o “ciclo dos descobrimentos” da literatura portuguesa do século XVI. O quinhentismo português constitui-se da combinação de elementos medievais, clássicos e nacionais. Dentre os *elementos medievais*, o autor destaca: a velha métrica, as origens e a estrutura do teatro vicentino, a história por crônicas de reis e a novela de cavalaria; *dos elementos clássicos de importação*: o teatro clássico, a comédia e a tragédia, o romance e a écloga pastorais e a epopéia; *dos elementos nacionais*: o movimento interno do teatro vicentino, a historiografia, ou narração dos grandes feitos coloniais e a crônica da expansão; a epopéia, transformada por Camões de gênero clássico em instrumento da idéia nacional, os gêneros novos, ligados às narrativas das descobertas, como as relações de naufrágios e os roteiros de viajantes.

O conhecimento da literatura produzida nos três primeiros séculos da vida colonial mostra que ela se inclui em algum desses itens ou obedece à inspiração dos motivos que dominaram o ciclo dos descobrimentos,

talvez, a contribuição mais original dos portugueses à literatura universal, fundamentada nos motivos econômicos tais como: a conquista de novas terras, mercados e fontes de riqueza, a expansão do comércio, a caça ao escravo. Deste “ciclo” irromperam as primeiras forças que originaram, posteriormente, as “letras” brasileiras.

A essa literatura de expansão e descobrimento se ligaram os primeiros livros escritos por portugueses ou brasileiros, no Brasil, ou acerca de fatos, coisas e homens da Colônia: a obra dos jesuítas, seja a parte literária, lírica ou dramática, seja o acervo de cartas e informes sobre as condições da Colônia, é um capítulo da expansão portuguesa; a literatura de viajantes e descobridores, os roteiros náuticos, os relatos de naufrágios, as descrições geográficas e sociais, as descrições da natureza e do selvagem formam outros episódios desse ramo brasileiro da literatura de expansão ultramarina do quinhentismo português.

Entretanto, Afrânio Coutinho defende que o mito do ufanismo, isto é, a tendência à exaltação lírica da terra ou da paisagem, espécie de crença num “eldorado”, apresenta-se como a primeira grande manifestação das forças que marcaram uma linha permanente da literatura brasileira de prosa e verso. Assim, Pero Vaz de Caminha, Anchieta, Manuel da Nóbrega, Cardim, Bento Teixeira, Gândavo, Botelho de Oliveira, entre outros, são exemplos de autores de “diálogos das grandezas”, uma singular literatura de informação, que emerge de motivos econômicos de valorização da terra aos olhos dos europeus.

A maioria dessas obras não pertence à literatura no sentido restrito, e sua importância decorre de participarem desse ciclo de literatura do descobrimento e de se inclinarem para a terra brasílica, na ânsia, que domina a consciência do brasileiro do século XVII, de conhecê-la, de revelá-la, de expandi-la. Embora possuindo inferior qualidade, do ponto de vista estético, há que se considerar a sua posição na história literária: traz anotações acerca do estilo de vida e da arte característicos do tempo. Delas é que proveio o conhecimento dos fatores geográficos, econômicos e sociais sobre que se erigiu a civilização brasileira.

Afrânio Coutinho (1980) destaca que: “a literatura brasileira emerge da literatura ocidental do Barroquismo. Foi sob o signo do Barroco definido não só como um estilo de arte, mas também como um complexo cultural, que nasceu a literatura brasileira” (p. 80). Você, talvez, esteja curioso para saber mais sobre o Barroco, portanto, que tal começarmos com a etimologia desta palavra?



O barroco: uma pérola de superfície irregular (Fonte: <http://www.mundovestibular.com.br>).

A palavra Barroco tem suscitado muita controvérsia; para uns ela é de origem ibérica, espanhola *barrueco*, ou portuguesa barroco, que significa uma pérola de superfície irregular. Para outros, a forma “barroco” é legitimamente original, lusa. Nos séculos XVI e XVII o epíteto significava um modo de raciocínio que confundia o falso e o verdadeiro, uma argumentação estranha, evasiva e fugidia, que subvertia as regras do pensamento.

Originalmente, o Barroco tem sentido negativo, pejorativo, sinônimo de bizarro, extravagante, artificial, monstruoso, visando a designar um valor menos à arte seiscentista, interpretada como forma de decadência da arte renascentista ou clássica. É este o sentido usado pela crítica neoclássica e Arcádica, o qual penetrou o século XIX. A palavra entrou para o vocabulário corrente, com o sentido pejorativo original, na filosofia: idéia barroca, argumentação barroca, pensamento barroco; em arte: imagem barroca, figura barroca.

Afrânio Coutinho (1986) argumenta que o conceito, com seu sentido negativo original, teve curso especialmente no terreno das artes plásticas e visuais, designando a arte e a estética do período subsequente ao renascimento, interpretada como forma degenerada dessa arte, expressa

na perda da clareza, pureza, elegância de linhas, e no uso de toda a sorte de ornatos e distorções, que resultaram num estilo impuro e obscuro.

Desta forma, o Barroco pode ser definido como o período literário subsequente ao Renascimento, equivalente ao século XVII, podendo-se adotar como limite as datas de 1580 e 1680, com variações de acordo com os países por onde “passou”. Renascimento, Barroco e Neoclassicismo foram três períodos que se sucederam, entendidos por muitos como a tese, a antítese e a síntese, pois foi somente com o classicismo da França depois de 1660 que logrou unir, em uma harmoniosa obra prima *Andrômaca* de Racine, a mitologia pagã da Antiguidade e o fervor cristão da Idade Média, as duas visões opostas da vida que os escritores do Renascimento e do Barroco tentaram reconciliar em suas respectivas artes.

O Renascimento caracterizou-se pelo predomínio da linha reta, pela clareza dos contornos; o Barroco tenta a conciliação, a fusão do ideal medieval, espiritual, com os novos valores estabelecidos pelo Renascimento, tais como: o humanismo, o gosto das coisas terrenas, as satisfações mundanas. Essa era uma das estratégias da Contra-Reforma, que visava combater, consciente ou inconscientemente, o moderno espírito, absorvendo-o no que tivesse de mais aceitável. Daí nasceu o Barroco, novo estilo de vida, que traduz em suas distorções o espírito controverso da época, na filosofia, religião, arte, literatura.

René Wellek, ao concluir seu estudo acerca do Barroco em literatura, destaca:

(...) o Barroco é um termo de sentido estético que auxilia a compreensão da literatura do tempo e que concorrerá para romper a dependência da história literária para com a periodização derivada da história política e social. Ele abre o caminho para a síntese, afasta nosso espírito da mera acumulação de observações e fatos, e prepara o terreno para a futura história da literatura concebida como uma arte (WELLEK apud COUTINHO, 1986, p.95).

O Barroco é, portanto, o estilo artístico e literário, e mais ainda, o estilo de vida que encheu o período que se estende entre o final do século XVI e o século XVIII, e de que participaram todos os povos do Ocidente. De maneira feral, o barroco é um estilo identificado com a ideologia fornecida pela Contra-Reforma e pelo Concílio de Trento, a que se deve o colorido peculiar da época, em arte, pensamento, religião, concepções sociais e políticas.

A Contra-Reforma opôs a concepção do “homem aberto”, voltado para o céu, à idéia renascentista do “homem fechado”, limitado à terra. Ela reafirma a ligação do homem com o divino rompida pelo Renascimento. O homem barroco é um saudoso da religiosidade medieval, porém, nele foi despertada tanto a ânsia da eternidade quanto os terrores do inferno. A arte barroca, portanto, prestava-se a falar uma linguagem de emotividade, de

transcendentalismo, de ambigüidade, para traduzir o estado de conflito ou tensão espiritual do homem, graças ao uso de elementos apropriados, artifícios e figuras, como antíteses, paradoxos, preciosismos, metáforas, simbolismos sensuais, hipérboles e catacreses.

No entender de Afrânio Coutinho (2008) a literatura no Brasil colonial é literatura barroca, nascida pelas mãos dos jesuítas, que usaram a representação ‘dramática’ para catequisar os nativos. E foi ao gênio plástico do Barroco que se deveu a implantação do longo processo de mestiçagem, que constitui a principal característica da cultura brasileira, adaptando as formas européias ao novo ambiente, à custa da transculturação, conciliando dois mundos totalmente diferentes: o europeu e o autóctone. O estudo da época colonial oferece o maior interesse para a compreensão da cultura brasileira, pois nele foram construídas as bases de nossa cultura, sem falar na construção de costumes e formas de organização social, da fixação de valores de vida e sistemas éticos e legais e traços da psicologia individual e coletiva.

O termo Barroco no Brasil compreende duas grandes manifestações: o barroco literário e o arquitetônico do século XVII, principalmente na Bahia, e o Barroco mineiro do século XVIII, conhecido como Barroco tardio, contemporâneo do Arcadismo. Nas artes plásticas, em que o estilo jesuítico produziu o melhor de nossa arquitetura colonial, destaca-se a figura do Aleijadinho, com suas igrejas ricamente trabalhadas. Nas letras, porém, tanto a literatura jesuítica como a obra ufanista de Botelho de Oliveira e Nuno Pereira, bem como a de Vieira e de Gregório de Matos, com a descendência do primeiro na oratória sagrada, são expressões, algumas bastante representativas, do Barroco literário, que somente mais tarde adquiriram valor estético. A respeito de tais autores, Afrânio Coutinho (1986) destaca:

Valem como testemunhos de um estilo artístico, cujos caracteres e sinais espelham fielmente, como provam os estudos sobre eles. (...) a impregnação barroca é tão profunda nos escritores do período que a ela não escapam inclusive os historiadores e pensadores. Exemplos típicos são os casos de Rocha Pita e Frei Vicente do Salvador, cuja prosa reflete a contaminação barroca, mormente nos seus aspectos de menor qualidade. (p. 80).

Dentre os gêneros literários mais cultivados naquele período, destacam-se: o diálogo, a poesia lírica, a epopéia, ao lado da historiografia e da meditação pedagógica, das quais o Barroco se aproveita, mesclando o mitológico ao descritivo, o alegórico ao realista, o narrativo ao psicológico, o guerreiro ao pastoral, o solene ao burlesco, o patético ao satírico, sem falar do mestiçamento da linguagem, apresentada nas obras destinadas à evangelização, que muito contribuiu para a diferenciação de um estilo brasileiro.

O Barroco literário apresenta-se sob duas faces: o cultismo e o conceptismo. O primeiro corresponde ao jogo de palavras e imagens vi-

sando ao rebuscamento da forma do texto, à ornamentação à erudição vocabular. Nessa vertente barroca é comum o uso exagerado das figuras de linguagem. O cultismo é também chamado de gongorismo, por ter sido muito influenciado pelo poeta espanhol Luís de Gôngora. O segundo, também conhecido como quevedismo, por ter sido muito influenciado pelo espanhol Francisco Quevedo, corresponde ao jogo de idéias e de conceitos, pautado no raciocínio lógico, visando ao convencimento à argumentação. Tanto o cultismo quanto o conceptismo influenciaram alguns dos nossos escritores, tais como Bento Teixeira, Pe. Antonio Vieira e Gregório de Matos. Os dois primeiros não eram brasileiros, e suas obras trazem a marca, isto é, a visão de mundo do homem europeu. Vejamos um pouco mais sobre esses representantes do nosso Barroco.

Bento Teixeira destaca-se pelo seu poema épico *Prosopopéia* (1601), o marco do Barroco no Brasil. É uma imitação de *Os Lusíadas*, o que era muito comum na época, escrito também em decassílabos e dispostos em oitava rima. No poema de Bento Teixeira a intenção é encomiástica e o objeto do louvor Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, que encetava a sua carreira de prosperidade graças à cana-de-açúcar. O que há de não-português no poema, como a “descrição do Recife de Pernambuco, “Olinda Celebrada” e o canto dos feitos de Albuquerque Coelho, entra a título de louvação da terra enquanto colônia, parecendo precoce o sentimento nativista.

A prosa barroca está representada em primeiro plano pela oratória sagrada dos jesuítas. Com Antonio Vieira a estética barroca atinge o seu ponto alto em prosa. Aliando a essência do estilo *coupé* e sentencioso, à ênfase, à sutileza, ao paradoxo, à repetição, à assimetria, ao manejo da metáfora, o grande orador sacro produziu páginas que são verdadeiros tesouros da eloquência sagrada em língua portuguesa. Na concepção de Alfredo Bosi (2000), “existe um Vieira brasileiro, um Vieira português e um Vieira europeu, e essa riqueza de dimensões deve-se não apenas ao caráter supranacional da Companhia de Jesus que ele tão bem encarnou, mas também à sua estatura humana de gênio” (p.44). No fulcro da personalidade do Padre Vieira estava o desejo da ação. A religiosidade, a sólida cultura humanística e a eloquência verbal serviram, nesse militante incansável, a projetos grandiosos, nascidos da utopia contra-reformista de uma Igreja Triunfante na terra, o sonho medieval de um império português e missionário se tornaria, afinal, realidade.

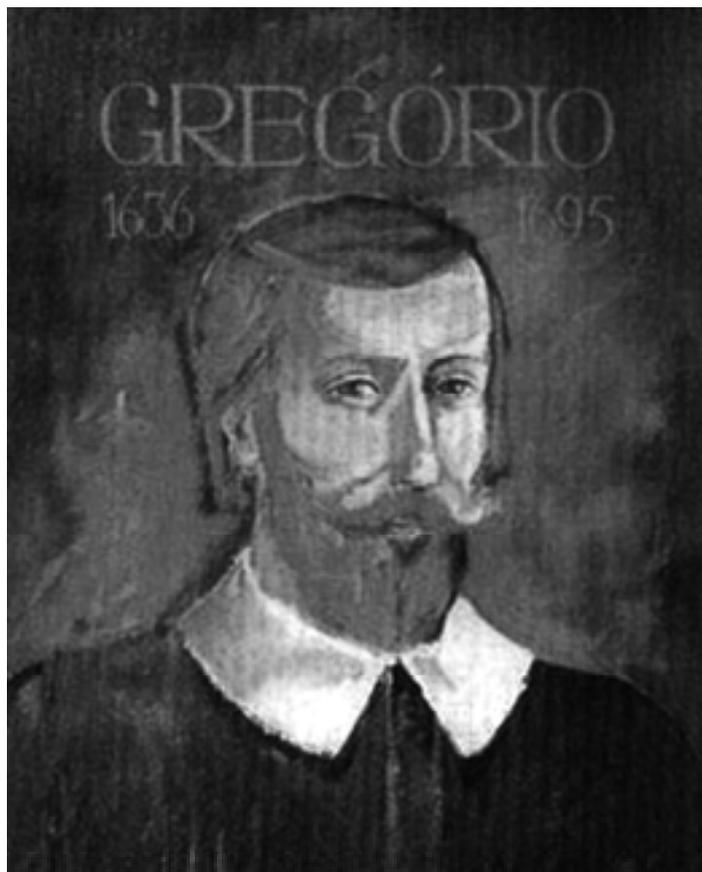
No seu espírito barroco, fermentavam as ilusões do estabelecimento de um império luso e católico, respeitado por todo o mundo e servido pelo zelo do rei, da nobreza, do clero. A realidade era bem outra; como interprete fantasioso dos textos bíblicos em função do sebastianismo popular, vê frustradas as suas profecias além de atrair suspeitas para as suas obras “heréticas” *Quinto Império* e *Clavis Prophetarum*. Advogado dos cris-

tãos - novos (judeus convertidos por medo de perseguições), suscita o ódio da Inquisição que o manterá a ferros dois anos e lhe cessará o uso da palavra em todo Portugal. Enfim, no Maranhão, conhece as iras dos colonos que não lhe perdoaram por ter defendido os nativos.

Dele ficou o testemunho de um sonhador incansável e de um orador complexo e sutil, capaz de provar até o sofisma, eloqüente até à retórica, mas assim mesmo, um grande artista da palavra. No *Sermão da Sexagésima*, proferido na Capela Real de Lisboa, em 1655, ele expõe a sua arte de pregar. O *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, pregado no Maranhão, em 1653, o orador tenta persuadir os colonos a libertarem os indígenas que lhe fazem evocar os hebreus cativos do Faraó. Vieira também foi um defensor dos escravos. No *Sermão XVI do Rosário*, pregado em 1633 à Irmandade dos Pretos de um engenho baiano, ele equipara os sofrimentos de Cristo aos dos escravos, idéia tanto mais forte quando se lembra que os ouvintes eram os próprios negros. Vejamos parte dessa obra,

Em um engenho sóis imitadores de Cristo Crucificado: porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz, e em toda sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. (...) cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. (BOSI, p. 46).

Gregório de Matos constitui, em meio a seus companheiros da ‘escola baiana’, a expressão individual mais forte da poesia barroca da Colônia. Como alguns poetas do seu tempo, ele teve uma vida atribulada e polêmica, sempre metido em desavenças com pessoas poderosas e influentes, o que lhe valeu o apelido de Boca do Inferno. A despeito do muito que deveu aos grandes escritores espanhóis da época, sobretudo Quevedo, sua poesia é bem a primeira manifestação eloqüente da mestiçagem cultural que se implantou no Brasil.



Gregório de Mattos (Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>).

Pela temática e pela técnica estilística, a obra desse poeta brasileiro enquadra-se no barroquismo, em que se podem ver as seguintes características expressas abaixo:



Esquema Barroquismo.

De um modo geral, a alma de Gregório de Matos era dominada pelo dualismo barroco: mistura de religiosidade e sensualismo, de misticismo e erotismo, de valores terrenos e carnavais e de aspirações espirituais. Embora conhecido como poeta satírico, sua obra divide-se em: poesia lírica e poesia satírica, a primeira encontra-se dividida em: sacra, amorosa e encomiástica (textos de circunstâncias destinados a elogiar pessoas importantes da época). A poesia sacra ou religiosa é marcada pelo conflito gerado entre a vida mundana e a vida espiritual, isto é, entre a consciência do pecado e o desejo de salvação; vejamos um fragmento da sua poesia sacra:

“... Esta razão me obriga a confiar,  
Que, por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar “.

Na poesia amorosa, também encontramos a dualidade barroca oscilando entre o amor elevado, espiritual e o sensualismo e o erotismo do amor carnal, conforme podemos constatar nos fragmentos abaixo:

“Ardor em firme coração nascido;  
Pranto por belos olhos derramado;  
Incêndio em mares de água disfarçado;  
Rio de neve em fogo convertido”.

---

“O amor é finalmente  
um embaraço de pernas,  
uma união de barrigas,  
um breve tremor de artérias.

Uma confusão de bocas,  
Uma batalha de veias, um rebuliço de ancas;  
Quem diz outra coisa, é besta”.

A sátira mais irreverente aflora, muitas vezes, com bastante clareza, conforme os versos abaixo:

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.  
Em cada porta um bem freqüente olheiro,  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa , escuta, espreita e esquadrilha,  
Para o levar à praça e ao terreiro.

O poeta moteja aqueles senhores de engenho que, já mestiçados de português e tupi, presumiam igualar-se com a velha nobreza branca que formaria o ‘antigo estado’ da Bahia. E é com imensa saudade e culpa que o poeta vê o novo mercador lusitano e os associados deste na Colônia ávidos de lucro e interessados em trocar ninharias por ouro das moendas. Vejamos o soneto *Triste Bahia*, em que Gregório se identifica com a sua terra espoliada pelo negociante de fora:

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a maquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado,  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excedente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceites do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

A estética barroca também contou com alguns exemplos de prosa narrativa, dentre os mais expressivos exemplos podemos citar *Compendio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, de quem já falamos anteriormente. Trata-se de uma longa alegoria dialogada, muito próxima do estilo dos moralistas espanhóis e portugueses que trocaram em miúdos os princípios ascéticos da Contra-Reforma. O objetivo do *Compendio* (1718) é apontar as mazelas da vida colonial, e contar o quanto a feitiçaria faz parte do mundo dos escravos e da gente vagabunda no Brasil.

Até o princípio do século XVIII, as manifestações culturais da Colônia não apresentavam qualquernexo entre si, pois a vida dos poucos centros urbanos ainda não dispunha de condições para socializar o fenômeno literário. Foi necessário esperar a cristalização de algumas comunidades (a Bahia, o Rio de Janeiro e algumas cidades de Minas) que a economia do ouro reanimava, para ver militares, religiosos, desembargadores, altos funcionários, reunidos em grêmios eruditos e literários, a exemplo dos que proliferavam em Portugal e em quase toda a Europa. Das academias brasileiras fundadas, podemos dizer que formam o último centro irradiador do Barroco literário, além de ser um sinal de uma cultura humanística viva, fora do convencional, em nossa sociedade. Vejamos agora um pouco do movimento literário conhecido como Arcadismo ou Neoclassicismo.



Arcadismo: o ambiente fecundo para a vida cultural no Brasil (Fonte:<http://upload.wikimedia.org>).

O século XVIII é uma encruzilhada de correntes espirituais e estéticas vindas de longe, elas se chocam e se misturam, fazendo desaparecer umas, transformando outras. Não há mais absoluta pureza de estilos e ideologias. As correntes que atravessam a época impregnam-se mutuamente, como se, por caminhos diferentes, todas se inclinassem para o mesmo objetivo. É um período de crise, a que Afrânio Coutinho (1980) chamou de “crise da consciência europeia” iniciada por volta de 1680. Na segunda metade deste século foi publicada a *Enciclopédia*, símbolo de renovação cultural que tinha à frente D’Alembert, Diderot e Voltaire. Os enciclopedistas deram grande impulso ao desenvolvimento das ciências, valorizando a razão como agente propulsor do progresso social e cultural. Todo esse movimento de renovação conhecido como Iluminismo, espalhou-se pela Europa e atingiu Portugal.

No século XVIII, observa-se no Brasil o momento de maior importância, fase de transição e preparação para a independência. Demarcada, povoada, dilatada a terra, o século vai dar-lhe prosperidade econômica, melhoria de suas condições materiais de vida, organização política e administrativa, ambiente para a vida cultural, terreno fecundo para a liberdade. A Colônia inicia seu processo de diferenciação com a criação da consciência histórica. À descoberta e posse da terra, à façanha bandeirante de expansão da fronteira de oeste, à defesa contra o invasor, sucedeu a formação de uma consciência comum, de um sentimento ‘nacional’, que substituiu o nativismo descritivo da natureza e do selvagem, expressos nas obras literárias produzidas até então. Em vez do sentimento lírico, há o orgulho “nacional” pelos feitos dos heróis e pelos fatos políticos e militares.

Cresce, então, a figura do brasileiro, do mestiço de sangue e alma, o tipo ‘local’ formado pela miscigenação e a aculturação, ao longo dos anos, falando uma língua cada vez mais diferente daquela da metrópole no sotaque e no vocabulário, e cantando numa voz própria canções de motivos locais embaladas pela sensibilidade que a alma nacional desenvolveu.

Nuno Marques Pereira, no seu *Peregrino da América* (1779) dá notícias da mudança na atividade intelectual da Colônia, onde também foram criadas algumas academias – os primeiros centros de comunhão cultural –, em cuja sombra a vida literária brasileira se ergueu, acompanhando os primeiros passos de uma nova estética: o Arcadismo, que surge com a intenção de combater os excessos do barroco, propondo, pois, um retorno à simplicidade, resgatando os valores que vão de encontro ao tipo de vida levado pela aristocracia e à arte barroca que esta apreciava. Assim, idealiza-se a vida natural em oposição à vida urbana, a humildade no lugar dos gastos exorbitantes da nobreza, o racionalismo em contraposição à fé, a linguagem simples e direta em oposição à linguagem elitista e rebuscada do Barroco.

O Arcadismo no Brasil foi cultivado na poesia épica, lírica e na modalidade satírica. Foram produzidas algumas epopéias – poemas que narrem histórias de um povo ou uma nação, envolvendo aventuras, guerras, gestos heróicos, apresentando um tom de exaltação de heróis e suas ações. Muitas delas seguiam o modelo de Camões, uma vez que a literatura árcade buscava a retomada dos modelos clássicos, daí também ser denominada de Neoclassicismo, um novo Classicismo.

No Brasil, o movimento Árcade encontrou expressão num grupo de poetas que viveu em Minas Gerais, na época o principal centro econômico do Brasil em razão da descoberta do ouro e diamante. Na obra desses poetas, podemos reconhecer a presença não só de alguns elementos típicos da natureza brasileira, tais como a beleza da terra e do índio, como também certa tendência para a confissão de dramas sentimentais e amorosos, antecipando assim o estilo romântico que apareceria no século seguinte.



O arcadismo e a realidade local brasileira (Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>).

O marco inicial dessa nova ‘escola’ artística no Brasil é a publicação de *Obras* (1768), do árcade Claudio Manuel da Costa. Além dele, pertenceram à Inconfidência Mineira os poetas Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Frei de Santa Rita Durão. Com este grupo começou-se a formar uma literatura mais propriamente brasileira, mais voltada para a realidade local, porém, como era próprio do ideário árcade, sem abandonar os modelos europeus, sobretudo os Greco-latinos. Assim, ao lado do Ribeirão do Carmo encontram-se ninfas e faunos, como verificamos na fábula do *Ribeirão* de Claudio Manuel da Costa.

O Poeta, na verdade, encontrava-se no limiar de duas criaturas, sente-se apegado à sua terra natal, mas ainda possui muito da cultura européia. Vejamos a exemplo, a *Lira LXII* em que o eu lírico, adotando a perspectiva de um pastor (comum entre os árcades), contrapõe os valores da natureza aos do mundo urbano; o que quer dizer que, para ele, a vida real está na natureza, e não na civilização (Europa), conforme mostra os versos abaixo:

“Aqui estou entre Almendro, entre Corino,  
Os meus fiéis, meus doces companheiros,  
Vendo correr os míseros vaqueiros  
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto.  
Que chega a ter mais preço, e mais valia,  
Que da Cidade o lisonjeiro encanto”

O nome Arcadismo deriva de Arcádia, região lendária da antiga Grécia habitada por pastores, de caráter rústico e símbolo da simplicidade e felicidade verdadeira; por isso, o bucolismo é o principal tema da poesia árcade. O poema deve sempre mimetizar a vida simples e harmoniosa presente in natura, portanto, deve ser simples, objetivo, claro e com muito mais comparações que metáforas, próprias da arte barroca. O retorno à vida próxima da natureza justifica o fato de os poetas adotarem nomes de pastores em seus poemas, assim Claudio Manuel da Costa era Glauceste Satúrnio; Tomás Antonio Gonzaga, Dirceu; Basílio da Gama, Termindo Sipílio.

Muitas outras questões estão presas a essa mentalidade bucólica do Arcadismo, como a idéia desenvolvida pelo filósofo Frances Jacques Rousseau sobre o “bom selvagem”, teoria sobre a corrupção do homem pela sociedade. Tal tema será mais bem trabalhado pelos escritores românticos como o Frances René Chateaubriand e o americano Fenimore Cooper, e também pelos brasileiros José de Alencar e Gonçalves Dias, que se aproveitaram da imagem do selvagem como ‘bom’ para a composição da imagem heróica do índio romântico, o que reafirma o dialogismo entre a estética arcádica e o Romantismo brasileiro.

O poeta Basílio da Gama, já em 1769, elevava o ameríndio a herói contra a imposição da civilização cristã, através do seu poema épico *O Uruguai*, e frei de Santa Rita Durão, em *Caramuru*, defende a catequização indígena, como única saída de salvação para os povos americanos. O poema de Basílio da Gama, escrito em cinco cantos, em versos brancos, decassílabos (dez sílabas poéticas) e sem rimas, narra a vitória militar de Gomes Freire de Andrade na guerra contra os jesuítas, que catequizavam os índios em colônias, onde hoje é o Rio grande do Sul e o Uruguai. A origem da guerra é o tratado de Madri (1750), em que Portugal entrega à Espanha a Colônia do Sacramento em troca da região colonizada pelos jesuítas, conhecida como Sete Povos das Missões.

Porém, os jesuítas se recusaram a aceitar o Tratado, os dois países organizaram uma campanha militar contra os padres entre 1752 e 1756. O poema *O Uruguai* narra os últimos acontecimentos dessa guerra; escrito para agradar ao Marques de Pombal, que queria expulsar os jesuítas das colônias portuguesas, apresenta como vilões da história exatamente os religiosos. Embora de forma discreta, o poema mostra-se simpático aos índios, vistos como vítimas de todo o processo de colonização, o que levou muitos críticos a admitirem em seus estudos *O Uruguai* como precursor da literatura indianista brasileira.

Por sua vez, o poema *Caramuru*, do frei de Santa Rita Durão é escrito à Camões, com 10 cantos e oitavas com versos decassílabos heróicos. Narra a história de Diogo Álvares Correia, náufrago português que foi salvo de ser devorado pelos índios por ter produzido um estrondo com sua arma de fogo. Assim sendo, os índios imaginaram que ele seria enviado de Tupã, deus do trovão. Diogo passa a ser o alvo de disputa dos chefes, os quais concederam a ele a mão de suas filhas; mas logo enamora-se da índia Paraguaçu, noiva do índio Jararaca, partindo com ela para a Europa.



Diogo Álvares Correia: “O Caramuru” (Fonte: <http://peregrinacultural.files.wordpress.com>).

Nessa epopéia, podemos perceber a presença de temas como “brasilidade” e ‘lusitanismo’, uma vez que em algumas passagens ele exalta as coisas do Brasil e em outras enaltece Portugal. A história narrada acontece na Bahia: assim, ao longo do poema Durão menciona lugares importantes desse estado: “Descobriu o recôncavo afamado da capital brasílica potente” (DURÃO, I, I); ou ainda: “Vós do áureo Brasil no principado” (DURÃO, I, III). No poema os nativos são vistos como bons, puros, admirados pelos europeus, mas igualmente aparecem como selvagens, conforme os fragmentos citados: “Porque a gente cruel guardá-lo intenta/ Até que sendo a si restituído/ Como os demais vão comer, seja comido” (DURÃO, I, XXVIII). A obra enfatiza também as características de Paraguaçu:

Paraguaçu, gentil (tal nome teve)  
 Bem diversa de gente tão nojosa  
 De cor alva como a branca neve,  
 E donde não é neve, era de rosa;  
 O nariz natural, boca muito leve,  
 Olhos de bela luz, testa espaçosa”

(DURÃO, II, XXVIII).

A índia é diferente dos demais da tribo, como podemos perceber, ela apresenta ‘traços’ e costumes que a aproximam dos europeus, como: pele rosada, andar com corpo coberto, o que nos remete a um desprezo pelos costumes indígenas. E, exatamente por ser ‘diferente’, ela é merecedora de casar-se com o herói da trama, um europeu, enaltecendo assim a visão do colonizador e não do colonizado.

Alem dessas duas obras poéticas, tiveram fundamental importância para o Arcadismo brasileiro as obras de Tomás Antonio Gonzaga: *Cartas Chilenas* (satírica), e *Marília de Dirceu*, em que Gonzaga celebrou versos amorosos dirigidos à sua amada, Maria Joaquina Dorotéa de Seixas, a Marília. Ainda que seja uma obra poética, imaginada pelo poeta, é possível acompanhar, pela leitura dos poemas escritos, a trajetória do relacionamento entre Gonzaga e Joaquina, inclusive o rompimento, quando o poeta é preso acusado de ser um inconfidente, isto é, um infiel à Coroa portuguesa, e expatriado para Moçambique, onde Gonzaga reconstrói sua vida, casando-se com a filha de um mercador de escravos, vindo a morrer cerca de seis anos mais tarde.

### CONCLUSÃO

Concluimos dizendo que a importância dos árcades brasileiros foi posta em evidência por uma série de críticos eruditos – Varnhagen, Fernandes Pinheiro, José Veríssimo, Silvio Romero, entre outros. Todos são unânimes em mostrar Vila Rica como o espaço que mais produziu homens de grande cultura literária do tempo, aptos a receber as sementes da ‘renovação’ que estava em curso para substituir o decadente gongorismo. Graças à sensibilidade dos intelectuais árcades, foi possível a adaptação de temáticas de origem clássica ao ambiente e ao homem locais, com sentimento e emoções específicas, abrindo espaço para que a literatura brasileira conquistasse a sua autonomia artística. É essencial pensar o século XVIII como um período de mudanças, onde correntes do barroco retardatário se misturam à neoclássica, à Arcádica e iluminista, ora opondo-se, ora entrelaçando-se, para formar, mais adiante, o Romantismo. É importante destacar que algumas obras do Barroco (literatura de informação, obras jesuíticas), assim como do Arcadismo brasileiros, a exemplo de *Caramuru* e *O Uruguai*, trazem a marca da ‘brasilidade’, isto é, se fundamentam a partir de três elementos importantes no processo de formação da literatura brasileira, também enaltecidos pelo Romantismo: a natureza, a terra e o índio; eis aí pontos de intersecção que ratificam o diálogo entre a estética romântica e aquelas que a antecederam.

## RESUMO

Nesta aula, tratamos sobre o Barroco e o Arcadismo, e as relações dessas estéticas com o Romantismo. Mostramos que a literatura produzida nos três primeiros séculos da vida colonial se inclui em algum desses itens: a conquista de novas terras, mercados e fontes de riqueza, a expansão do comércio, a caça ao escravo e, muitas vezes, se fundamentada nos motivos econômicos; e deste “ciclo” irromperam as primeiras forças que originaram, posteriormente, as “letras” brasileiras. Vimos também que o mito do ufanismo, isto é, a tendência à exaltação lírica da terra ou da paisagem, espécie de crença num “eldorado”, apresenta-se como a primeira grande manifestação das forças que marcaram uma linha permanente da literatura brasileira de prosa e verso. Aprendemos, ainda, que a literatura brasileira, segundo Afrânio Coutinho, emerge da literatura ocidental do Barroquismo. Foi sob o signo do Barroco definido não só como um estilo de arte, mas também como um complexo cultural, que ela nasceu. Ele (o Barroco) foi o período literário subsequente ao Renascimento, enfatizamos que esse estilo foi equivalente ao século XVII, e que tem sentido negativo, pejorativo, extravagante, artificial, visando a designar um valor menos à arte seiscentista, interpretada como forma de decadência da arte renascentista ou clássica. Quanto ao Arcadismo, vimos que ele surge com intenção de combater os excessos do barroco, e tinha como ideário estético o resgate da simplicidade da poética clássica Greco-latina. Porém, há que se destacar que ambos trazem a marca da ‘brasilidade’, isto é, se fundamentam a partir de três elementos importantes no processo de formação da literatura brasileira: a natureza, a terra e o índio; pontos comuns entre ambos que ratificam e tornam compreensível o diálogo entre a estética romântica e aquelas que a antecederam.



## ATIVIDADES

1. Como se caracteriza a literatura dos três primeiros séculos da vida colonial?
2. O que você entende por Barroco?
3. Como se deu o Arcadismo no Brasil?



## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

De certo, você começa a lembrar agora que a literatura produzida nos três primeiros séculos da vida colonial se inclui em algum desses itens: a conquista de novas terras, mercados e fontes de riqueza, a expansão do comércio, a caça ao escravo e, muitas vezes, se fundamenta nos motivos econômicos; e deste “ciclo” irromperam as primeiras forças que originaram, posteriormente, as “letras” brasileiras. Lembra também que o mito do ufanismo, isto é, a tendência à exaltação lírica da terra ou da paisagem, espécie de crença num “eldorado”, apresenta-se como a primeira grande manifestação das forças que marcaram uma linha permanente da literatura brasileira de prosa e verso. E que a literatura brasileira emerge da literatura ocidental do Barroquismo. Foi sob o signo do Barroco definido não só como um estilo de arte, mas também como um complexo cultural, que ela nasceu, portanto a literatura dos três primeiros séculos traz as marcas barrocas.

Você, certamente, já sabe que a palavra Barroco tem suscitado muita controvérsia; para uns ela é de origem ibérica, espanhola ‘barrueco’, ou portuguesa barroco, que significa uma pérola de superfície irregular. Nos séculos XVI e XVII, o epíteto significava um modo de raciocínio que confundia o falso e o verdadeiro, uma argumentação estranha, evasiva e fugidia, que subvertia as regras do pensamento. Originalmente, o Barroco tem sentido negativo, pejorativo, sinônimo de bizarro, extravagante, artificial, monstruoso, visando a designar um valor menos à arte seiscentista, interpretada como forma de decadência da arte renascentista ou clássica. É este o sentido usado pela crítica neoclássica e Arcádica, o qual penetrou o século XIX. Pode ser definido como o período literário subsequente ao Renascimento. O Barroco é, portanto, o estilo artístico e literário, e mais ainda, o estilo de vida que encheu o período que se estende entre o final do século XVI e o século XVIII, e de que participaram todos os povos do Ocidente. De maneira geral, o barroco é um estilo identificado com a ideologia fornecida pela Contra-Reforma e pelo Concílio de Trento, a que se deve o colorido peculiar da época, em arte, pensamento, religião, concepções sociais e políticas.

Épa, com certeza, você está lembrado que o Arcadismo surge com a intenção de combater os excessos do barroco, propondo, pois, um retorno à simplicidade, resgatando os valores que vão de encontro ao tipo de vida levado pela aristocracia e à arte barroca que esta apreciava. Assim, idealiza-se a vida natural em oposição à vida urbana, a humildade no lugar dos gastos exorbitantes da nobreza, o

racionalismo em contraposição à fé, a linguagem simples e direta em oposição à linguagem elitista e rebuscada do Barroco. Quanto ao Brasil, observa-se, no século XVIII, o momento de maior importância, fase de transição e preparação para a independência. Demarcada, povoada, dilatada a terra, o século vai dar-lhe prosperidade econômica, melhoria de suas condições materiais de vida, organização política e administrativa, ambiente para a vida cultural, terreno fecundo para a liberdade. A Colônia inicia seu processo de diferenciação com a criação da consciência histórica. À descoberta e posse da terra, à façanha bandeirante de expansão da fronteira de oeste, à defesa contra o invasor, sucedeu a formação de uma consciência comum, de um sentimento ‘nacional’, que substituiu o nativismo descritivo da natureza e do selvagem, expressos nas obras literárias produzidas até então. Em vez do sentimento lírico, há o orgulho “nacional” pelos feitos dos heróis e pelos fatos políticos e militares. O Arcadismo no Brasil foi cultivado na poesia épica, lírica e na modalidade satírica. Foram produzidas algumas epopéias poemas que narram histórias de um povo ou uma nação, envolvendo aventuras, guerras, gestos heróicos, apresentando um tom de exaltação de heróis e suas ações. Muitas delas seguiam o modelo de Camões, uma vez que a literatura árcade buscava a retomada dos modelos clássicos, daí também ser denominada de Neoclassicismo (um novo Classicismo). O marco inicial dessa nova ‘escola’ artística no Brasil é a publicação de ‘Obras’ (1768), do árcade Claudio Manuel da Costa. Aqui, o movimento Árcade encontrou expressão num grupo de poetas que viveu em Minas Gerais, na época o principal centro econômico do Brasil em razão da descoberta do ouro e diamante. Na obra desses poetas, podemos reconhecer a presença não só de alguns elementos típicos da natureza brasileira, tais como a beleza da terra e do índio, como também certa tendência para a confissão de dramas sentimentais e amorosos, antecipando assim o estilo romântico que apareceria no século seguinte.

### PRÓXIMA AULA

Quem sabe o assunto da próxima aula? Falaremos sobre o Romantismo, enfatizando desde suas raízes européias até a ‘chegada’ ao Brasil. Aguardem.





## AUTO-AVALIAÇÃO

Fim de aula, início de sua avaliação crítica sobre o que aprendeu, lembra? Será que você consegue definir os conceitos de Barroco e Arcadismo, e dizer as características principais de cada uma destas estéticas? Olhe, olhe, olhe... esses são os objetivos destacados para a aula, viu!!! Registre na escala seguinte a nota que você mesmo se daria e tente justificá-la.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Justificativa:

---

---

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Conceito de literatura brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DURÃO, Santa Rita. **Caramuru**. São Paulo: Martins Claret, 2004.
- FIGUEIREDO, Luciano. Narrativa das rebeliões: linguagem política e idéias radicais na América portuguesa moderna. In: Brasil Colônia. São Paulo. **Revista USP**, n. 57, p. 6-27.